

Ivan Ângelo

ENIGMA

Começo com uma constatação: não se escreve mais ficção sobre São Paulo. Já se escreveu muito, principalmente os autores do modernismo, década de vinte. A geração de 45 aprofundou-se na psicologia das personagens; a dos anos 50, na poesia. E os escritores que se formaram durante a ditadura militar de 64, ou imediatamente antes, falaram de São Paulo de modo apenas incidental, preocupados mais com algum tipo de gente que sofria em São Paulo do que com a cidade mesma, monstro devorador, enigma.

Por que isso? Creio que podemos trabalhar com a hipótese de que há aqui dois impasses paralisantes. Ou três.

O primeiro ocorre porque o paulista não consegue separar os papéis de colonizador e colonizado, de explorador e explorado que convivem nele - e que vêm desde a época colonial, desde o drama da fundação da cidade, quando os primeiros paulistas, os mamelucos, filhos de branco com as índias, eram o braço armado do colonizador português para a destruição do índio, caçando-o para escravizar ou exterminar. Nesse processo, o mestiço, o mameluco, é ao mesmo tempo conquistador e conquistado, o matador e o morto. O sociólogo baiano Teodoro Sampaio foi quem primeiro intuiu essa contradição dos primeiros paulistas e raciocinou sobre ela em *São Paulo de Piratininga no Fim do Século XVI* (1899). Oswald de Andrade coloca esse impasse de maneira poética: "Tupi or not tupi, that is the question" (Tupi era um dos principais grupos indígenas do Brasil).

O paulista é hoje um poderoso líder industrial e agrícola moderno porque o seu *eu* empreendedor, empresário, aventureiro, transformador da natureza, matou no passado colonial seu *eu* telúrico, "selvagem", nômade e harmônico com a natureza.

Falei em drama da fundação porque se debatiam no planalto de Piratininga, a partir de 1554, segundo Teodoro Sampaio, duas formas de tomada de posse da terra e substituição da cultura indígena pela européia: uma branda, culta, feita através da catequização dos "selvagens" no colégio do

padre Anchieta, que é a origem de São Paulo; outra violenta, brutal, feita através da escravização do índio ou a matança dos insubmissos e a fornicação desenfreada das mulheres indígenas praticadas na vila vizinha, Santo André, do conquistador João Ramalho. A violência venceu no planalto. Dos males, o pior.

Esse conflito não se esgotou no primeiro século de São Paulo. Continuou quando partiram os bandeirantes do recém-conquistado planalto para a conquista do resto do Brasil, para descobrir ouro, plantar fazendas e escravizar índios.

E mais recentemente, quem continua o papel do mameluco, do leva-e-traz são os médios comerciantes, proprietários, executivos, funcionários, a pequena burguesia enfim (onde nascem os escritores), todos de consciência pesada por explorar os de baixo e humilhados por serem explorados pelos de cima. Colonizadores e colonizados. Esse conflito mameluco paralisa a mão do escritor, enquanto ele não tiver cabeça e instrumental para transformar-lo em ficção ou análise.

Algum tempo atrás, desenvolvi a idéia de que a ditadura militar que se instalou entre 1964 e 1984 produziu no Brasil uma geração de escritores críticos, não-ingênuos, descrentes, desconfiados. Perdeu-se a inocência. O mundo ficou muito mais complicado. Por isso, as emoções de ufanismo ou do bairrismo, manejadas com os instrumentos do realismo, que serviram aos ficcionistas do passado para a interpretação de uma cidade como São Paulo, já não satisfazem. Com o modernismo de 22 os escritores descobriram, entre outras grandezas do Brasil, a grandeza de São Paulo. Na poesia, na prosa, revelou-se a metrópole em gestação, a passagem da economia agrícola tipo *plantation* para a industrial, as mil faces estrangeiras dos imigrantes que substituíram o trabalho escravo. Essa visão apologética aparece em Mário de Andrade ("São Paulo! Comoção de minha vida ..."), em Oswald de Andrade ("Não permita Deus que eu morra/Sem que volte pra São Paulo/Sem que veja a Rua 15/E o progresso de São Paulo"), em Alcântara Machado, Pagu e outros. É certo que louvaram o povo e insultaram a burguesia, mas hoje sabemos que não é tão simples assim. Insultar a burguesia já não resolve nem ameniza o conflito subconsciente do escritor de São Paulo, o conflito mameluco.

Foi preciso que o escritor deixasse de ser um prisioneiro do gosto da alta burguesia e da aristocracia nos séculos passados, foi preciso que ele deixasse de ser o funcionário público que era até a recente ditadura militar, quando rompeu com os governantes, foi preciso que visse queimar-se uma geração de talentos na fogueira da luta política para compreender que não basta cantar o povo e insultar a burguesia - e que nem é esse o papel do escritor. Hoje, além de sabermos que não adianta insultar os ricos por sua riqueza, ou pintar

o retrato dos coitadinhos explorados, ou acreditar que o Partido dos Trabalhadores chega ao poder e resolve tudo (como se acreditava que os marxistas resolveriam, ou que a honestidade e a boa vontade resolveriam, ou que o liberalismo resolveria, ou que o autoritarismo militar resolveria), sabemos que a atitude ufanista ou a iconoclasta na representação de São Paulo não vai levar o escritor ao coração da matéria. É preciso descobrir ângulos novos e novo instrumental para construir uma obra no mesmo nível de complexidade da cidade. E isso nos leva ao segundo impasse e talvez a um terceiro.

O segundo impasse paralisante é: escritor brasileiro não escreve sobre os ricos. Não conhece o mundo do grande industrial, do grande empresário, do aristocrata, dos finos salões. Por isso ou faz caricaturas ou transpõe uma visão "de fora", "de baixo", de espectador. Falta, no retrato da sociedade de um grande centro como São Paulo, mostrar como o rico é por dentro, como se estruturam seus valores, como se expressa seu *ser*. Temos, na literatura brasileira e especialmente na de São Paulo, toda a configuração do pobre e da classe média, mas não do rico, porque *não o conhecemos*. Nunca aprofundamos a investigação do comportamento de um milionário paulista, para sabermos por que ele se comove com uma coisa e não com outra, por que ri disso e não daquilo, por que acha uma coisa justa e outra não, como ele é com sua família, seus amigos, seus amores. Vai, nisso, até o medo de uma gafe, de não saber descrever o gosto do caviar, do *poire*, a posição dos talheres, os nomes e características de cristais, panos, óculos, aparelhos, molhos, barcos, o que está na moda ou fora da. Só pensamos no rico como defensor de seus próprios interesses/bens, daí a caricatura. Os escritores paulistas, se quiserem desvendar esse mundo e ampliar sua visão da cidade mais importante da América Latina, vão ter de abandonar seus preconceitos e ver com os olhos do poder, pensar com a cabeça do poder, sentir com as emoções do poder. O poder por dentro, sem medo ou vergonha de entrar para ver. Chega de estética ideológica, tipo Pecezão. É preciso ir lá no fundo, ver como é para contar.

O terceiro e último impasse paralisante é a falta de tempo do escritor para se preparar para enfrentar o monstro. Mas tempo se faz, se se quer realmente, por isso este talvez não seja um impasse e sim uma incapacidade. Como, senão com muito estudo, pesquisa, andança, trabalho árduo, domínio do material, conhecimento da estrutura de pensamento e linguagem de explorados e exploradores, como conceber uma obra tão complexa como seu objeto? Que compreenda todos os círculos desse inferno? Que desvende as linguagens da cidade fazendo todos falarem, dos milionários aos mendigos? Como entender a mítica da cidade sem tentar compreender o que buscam nela quinze milhões de pessoas, exatamente ali e não em outro lugar qualquer? Tudo isso exige

muito trabalho, e os livros não pagam bem, há que fazer outra coisa para ganhar dinheiro, e essa outra coisa toma muito tempo ...

Mas que cidade é essa, o que a faz diferente, o que poderia estar nesse romance que não se escreveu? Vejamos.

Por exemplo: a maioria das pessoas veio de fora. Não há estatísticas muito seguras antes de 1940, mas na década de quarenta, 73 % das pessoas que moravam na cidade eram de outras cidades, estados, países. Nas décadas de cinquenta e sessenta, 60 % das pessoas vieram de fora. Na década de setenta, 51 %. Na de oitenta, estima-se em 53 %. Um dado de 1980 revela que havia 2.069 empresas estrangeiras na cidade. Por que essas pessoas todas foram para São Paulo e não para outro lugar qualquer? Que buscavam? Que encontraram?

Outro cenário: os "menores", crianças entre sete e dezessete anos, dois milhões e meio na cidade toda. O chocante é que uma grande parte delas, a maior parte, não estuda porque tem de ganhar dinheiro para a família, com trabalho inadequado, roubo ou prostituição. Sessenta por cento dos crimes na cidade são praticados por menores. Alguns livros falam desses meninos, mas somente da faixa marginal, de onde saem os Pixotes, os que assimilaram a violência e a esperteza como valores máximos, que usam armas para se igualarem aos mais fortes ou mais protegidos; com a arma já não se sentem desamparados, com ela disputam sua sobrevivência ou tomam o que julgam merecer e não têm. E os outros meninos, os que trabalham, produzem, e têm de deixar a escola por isso? Quem fala por eles?

Um ângulo insólito: a desordem. Em São Paulo inverte-se o lema positivista inscrito na bandeira do Brasil: Ordem e Progresso. Desordem e Progresso. Desordem foi a forma que milhões de pessoas encontraram para morar: favela é desordem, a invasão de terrenos é desordem (100 mil pessoas invadiram de uma vez um terreno no bairro de Guaianazes, em 1986, e as invasões continuam), as construções clandestinas são desordem - e tudo isso é legítimo porque a ordem é insuficiente para prover casas para todos. Há a desordem da sobrevivência, com milhares de pessoas vendendo bugigangas e comestíveis em tableiros armados nas ruas - porque a ordem não provê trabalho para todos. A violência é outro sintoma da desordem, de perturbação social. Desordem não apenas da parte dos criminosos, mas também dos cidadãos, da polícia, da Justiça. Dos cidadãos porque se tratam violentamente entre si, nas suas divergências, e também porque querem a morte dos criminosos que tiram seus bens e segurança; da polícia, porque é falha e brutaliza ou mata quem deveria prender e encaminhar à Justiça; da Justiça, porque não funciona, porque há centenas de milhares de processos na frente e não há lugar na cadeia para todos os criminosos. A violência torna-se desordem porque o sistema da ordem falha na garantia dos direitos. Na cidade de São

Paulo, todos os anos, o homicídio está entre as causas importantes de morte. Em 1984, para indivíduos entre os vinte e quarenta e nove anos de idade foi a causa principal, superando as mortes por doenças do coração, câncer, acidentes do trânsito e pneumonia. Essa desordem não está nos romances.

Outro ângulo inexplorado: a cidade camaleão, que muda de cores e formas sem mudar em essência. Ela se constrói e se destrói incessantemente, sem nunca ficar pronta, sem guardar nada, escamoteando-se, escamoteando da memória casas, prédios, ruas inteiras, rios. A "valorização imobiliária" de uma região, a cada trinta, quarenta anos, expulsa os mais pobres, que acabam ficando sem referência na cidade, porque o passado não se sedimenta em sua memória e eles acabam perdendo a *crônica da família*. Velhos se lembram de uma cidade aberta em que as casas tinham árvores de frutas; os mais moços, ao passarem por um bairro elegante, apenas sabem vagamente que o avô tinha uma casa por ali. Os velhos não compreendem mais a cidade, que em cem anos passou de 37 mil habitantes para 15 milhões. A mutação constante provoca o *desenraizamento*, que acaba se tornando um problema social. Como as pessoas vêm de fora e não conseguem fixar-se num bairro, numa rua, elas não a consideram *sua*, por isso a destroem, sujam, pixam. No excelente livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (T. A. Queiroz Editores, 1979), Eclea Rosi observa: "Há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres" (p. 370). Tudo isso é matéria de ficção que se perde.

E a mulher? Nem as próprias mulheres escritoras sabem o que aconteceu com a mulher em São Paulo: 4 % ocupam cargos importantes nas empresas, quase a metade (40 %) trabalha fora de casa e, dado alarmante, 31 % de todas elas estão esterilizadas definitivamente.

Esses são, entre outros, aspectos da grande cidade que poderiam juntar-se aos temas já explorados da prostituição, dos malandros e rufiões, travestis, greves, repressões policiais, crônicas familiares e diários de solidão. João Antônio, Plínio Marcos, Loyola Brandão, Antônio Torres, Marcos Rey e outros entre meus contemporâneos transitaram muito bem por esses caminhos. Penso que nos falta agora uma obra que se ocupe da cidade como o *Grande Sertão: Veredas* se ocupou do sertão: dos miudos aos chefes, dos povoados ao deserto, da paz à guerra, da fala ao gesto, da filosofia à ação. Por que não se faz, não se fez? Minha explicação são os três impasses paralisantes.

A única vez em que pretendi vestir um romance meu com as roupas de São Paulo tive de desistir porque a roupa ficou grande demais, como um paletó de brechó. O livro era *A Festa*. Enquanto o escrevia, foi-me parecendo impossível que um bando de nordestinos migrantes pudesse ser contido e cercado como gado numa cidade de migrantes como São Paulo, ou que a pre-

sença desses migrantes tivesse ali importância suficiente para movimentar toda a polícia e até o governo do Estado. Foi-me parecendo improvável que aquelas relações de mesquinha convivência e intrigas menores pudessem ser importantes em São Paulo. Ao passo que o livro se desenvolvia, percebi que ele exigia uma cidade de porte médio, em que fosse possível montar uma rede de suspeitas, envolvendo pessoas conhecidas entre si e por todos, alcançáveis por boatos. Mudei então de cenário, e usei Belo Horizonte, uma capital de província.

Em outras histórias que escrevi, São Paulo mostra as garras algumas vezes, como em *Conquista*, *A Casa de Cidro*, *O Verdadeiro Filho da Puta*, *Bar*, *A Face Horrível*. Mas considerando o que está para ser feito, e que eu acho que estou sendo desafiado a fazer, ou empurrado, não sei, essas histórias são ensaios de aproximação. A cidade não tem nelas uma presença dominadora, forte. O livro que falta fazer, que eu acho que estou sendo levado a fazer, terá de ser feito com todo esse complexo de temas e recursos que apontei, inclusive os impasses paralisantes. E a essa altura já se pode entrever que esse artigo é quase uma sinopse do livro. Título: *Enigma*. Ou eu decifro São Paulo ou ela me devora.